

Construir a paz

Existem as fragilidades humanas que dificultam a compreensão recíproca, a comunicação leal e sincera, a conciliação respeitosa nas diversidades de experiências e de pensamento. Mas todas podem ser remediadas pelo amor.

São necessários alguns comportamentos concretos e coerentes: visar à realização do projeto de fraternidade universal como verdadeiros irmãos e irmãs; fazer circular as nossas capacidades; cuidar uns dos outros, compartilhando as aspirações mais profundas; acolher-se mutuamente sem preconceitos, oferecendo e recebendo misericórdia e perdão; estimular a confiança e a escuta. São escolhas confiadas à nossa liberdade, que às vezes exigem de nós a coragem de sermos “sinal de contradição” diante da mentalidade reinante.

Por isso é importante que nos encorajemos mutuamente nessa lida, para não vacilar e ser sempre capaz de proteger e testemunhar com alegria o valor inestimável da unidade e da paz.

Chiara Lubich diz que *“a construção da paz exige também de nós um amor forte, capaz de amar até mesmo aqueles que não retribuem, capaz de perdoar, de superar a categoria do inimigo, capaz de amar a pátria alheia como a própria. [...] Além disso, exige de nós coração e olhos novos para amar e ver em cada pessoa um candidato à fraternidade universal”*.

“O mal nasce do coração do homem”, escrevia Iginio Giordani, e *‘para remover o perigo da guerra é preciso remover o espírito de agressão, de exploração, de egoísmo, do qual provém a guerra: é preciso reconstruir uma consciência’*.

Como realizar tudo isso? Como reconstruir uma consciência orientada para o amor?

Bonita Park é um bairro de Hartswater, pequena cidade agrícola na África do Sul. Ali, assim como no resto do país, persistem os efeitos herdados do regime do Apartheid, sobretudo no âmbito da educação: os resultados acadêmicos dos jovens pertencentes aos grupos negros e mestiços são muito inferiores aos dos outros grupos étnicos, com o conseqüente risco de marginalização social.

O projeto “The Bridge” (“A Ponte”) nasceu para criar uma mediação entre os diferentes grupos étnicos do bairro, superando as distâncias e as diferenças culturais com a criação de um programa letivo no contraturno escolar e a abertura de um pequeno espaço comum, como ponto de encontro entre culturas diferentes, para crianças e adolescentes.

Para alegria e surpresa de todos, a comunidade demonstra uma grande vontade de trabalhar em conjunto: na hora de fabricarem as carteiras escolares, Carlos ofereceu sua velha caminhonete para buscar a madeira; o diretor de uma escola das proximidades ofereceu estantes, cadernos e livros, enquanto que a Igreja Reformada Holandesa doou cinquenta cadeiras. Todos procuram fazer a sua parte para construir novas relações entre todos, condição indispensável para construir pontes entre diferentes culturas e etnias.

O que aconteceu em Hartswater poderia acontecer em qualquer lugar, se conseguíssemos criar “novos espaços de encontro” ali onde vivemos, vivenciando um diálogo construtivo entre todos, trabalhando juntos, para oferecer respostas positivas à humanidade que ainda sofre com desigualdades, preconceitos e ainda não consegue superar “a categoria do inimigo” ou remover “o espírito de agressão”.

Surgirão assim verdadeiros laboratórios de paz que fazem transparecer “aquele amor forte” na base de cada ação concreta.